

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

MISCELLANEA FOLK-LORICA

(Continuada do n.º 25)

D. Miguel,
Lindo ramallete,
Elle já é rei,
Já não é cadete.

Um malhado, dois malhados,
Dois malhados que farão?
Quizeram roubar a c'roa
E a santa religião.

Ai Jesus!
Isto é que é rir,
Ver os Migueis
Na praia a fugir;
Fujam Migueis,
Fujam brejeiros,
Vão p'r' ós ilheus
A furtar carneiros.

Morreu Custodio,
Meirinho fino,
Filante mor
Desde menino. (1)

Os soldados do commercio,
Quando vão para a parada,
Levam seu sapato e meia
E dentro d'algibeira nada.

Os soldados do commercio,
Quando vão para a parada,
Mettem trinta reis no bolso,
Fazem grande chocalhada.

Os soldados do commercio
Já não teem acetação,
E só fazem exercicio
A' gaveta do patrão. (2)

(1) Custodio era meirinho migue-
lista em Coimbra.

(2) Motejos ao batalhão do com-
mercio de Lisboa.

(1844)

Está em Almeida encerrada (3)
Una hypocrito fação,
Que pretende deitar em terra,
De 26, constituição.

Mas em peitos luzitanos
Não tem echo a traição,
Cumpre agora soldados
A de 26 constituição.

(De 1846 a 1847)

A'vante caçadores,
A'vante tropa de linha,
Vamos bater o Saldanha
E as forças da rainha.

Lá no campo da peleja
Se ostenta o pendão,
Temos certa a victoria
P'ra regosijo da nação.

As tropas do Saldanha
Não são para temer,
Temos forças sup'riores
Para as combater.

Viva o conde de Mello,
Viva o Sá da Bandeira,
Viva a Maria da Fonte,
Que é a nossa companheira.

O ladrão do conde Mello
Usa calças sem presilhas,
Anda roubando os povos
Para sustentar guerrilhas.

Pela campá do D. Pedro
Jurou o immortal Saldanha
Defender a rainha,
Ou morrer por tal façanha.

(3) Em virtude do cerco posto á
praça d'Almeida, sendo ministro o
sr. Costa Cabral, hoje marquez do
Thomar.

Hymno do "cáe-lhe o fa-
to,, (1)

(Excerpto)

Duzentos bejenses,
De valor armados,
A patria deixaram
Por dever sagrado.

(Côro)

A' vante bejenses
A' vante, sem temor,
Defender a rainha
Ou morrer por tal penhor.

Hymno de artilheria n.º 3

(Excerpto)

Bravo 3 d'artilheria,
Modelo da lealdade,
Tens escripto na bandeira:
Defensor da liberdade.

Bravo chefe tambem tendes,
Honrado, bravo, e leal,
Portuguez d'antiga data
E do antigo Portugal.

(Côro)

Artilheiros, eia, ávante,
Desenrolae o pendão,
A liberdade dos povos
Soja o seu maior brazão.

Hymno algarvio

(Excerpto)

Quem pela rainha e carta
Arrisca todo o porvir,

(1) O batalhão denominado de *Beja*, composto de populares cartistas, commandado pelo sr. Mariano de Souza, hoje visconde da Boa-Visita, entrou em Elvas, em principios de 1847, sem capotes e de mantas ás costas, e por isso o denominaram *batalhão do cae-lhe o fato*.

Com falsarios colligados
Jamais pode transigir.

(Devo parte d'estas canções aos meus amigos srs. Adolpho Coelho, Antonio de Sá Chaves Pinto, dr. Felix da Costa, general Francisco José Maria Vivaldo e major Leopoldo Frederico Infante Fernandes.)

XLIX

Cantigas sentenciosas e
moraes

(Recolhidas no Alentejo)

1

Das onze para o meio dia
Meu coração enfraquece;
São as pagas de hoje em dia:
Quem mais faz menos merece.

2

Com o pouco que vou colhendo,
Pelo meu muito trabalho,
Sustento-me e vou vivendo;
Quanto tenho quanto valho.

3

Da figueira nasce o figo,
Do figo nasce a sciencia,
No fino pano cae a nodoa,
Cahiu em mim, paciencia!

4

Quem mais não tem mais não dá,
Anda agora muito em moda;
Isto de quem tem amores.
Anda-lhe a cabeça à roda.

5

Atirei c'o lirio roxo
Ao ar por divertimento,
E veio-me a cair no rosto:
Não ha gosto sem tormento.

6

O talento não se alcança,
Dá-o Deus à creatura;
Que importa a vossê ser tolo,
Se a tolice não tem cura.

7

Deste-me alicerim por prenda,
Por ter a folha miuda;
Quizeste-me experimentar:
Quem é firme não se muda.

8

O amor e o dinheiro

Não pode andar encoberto,
O dinheiro é chocalheiro,
E o amor desinquietao.

9

O' mar largo; ó mar largo,
O' mar largo sem ter fundo;
Mais vale andar no mar largo
Que andar nas bocas do mundo.

10

Quem desflora uma donzella
Não tem de Deus o perdão,
E só se casa com ella
Tem p'r'ó mundo aceitação.

11

Agora é que eu vou dizer,
Agora é que eu vou cantar,
Quem muita panella prova
N'alguma se hade eecaldar.

12

Todas as mulher's são loucas,
Pensando no casamento;
Depois de estarem casadas,
Vem o arrependimento.

13

Sou filhote da Fronteira
Baptisado no Padrão,
Sou como o pau d'aroeira:
Torcer sim, mas quebrar não.

14

Quem se fia das mulheres,
E d'ellas faz cabedal,
Começa pela cadeia
E acaba no hospital.

15

Sobre o tempo tempo vem,
Que o tempo também se muda,
Brada por quem te quiz bem,
Pode ser que ainda te acuda.

16

O' meu amor, meu amor,
O' meu amor nada não,
Quem não tem não pode dar
Juizo e consideração.

17

Quem fez a casa na praça
A muito se aventurou,
Uns dizem que ella que é baixa,
Outros que d'alta passou.

18

Menina não seja varia,
Reprehenda o seu pensamento,
Olhe que o amor dos homens
Dura muito pouco tempo.

19

N'uma manhã de geada
Cahiu a pena ao pavão:
Quem não quer que o mundo falle
Não lhe dê occasião.

20

Entre as pedras da janella,
Ouvi dar a meia noite;
Coitada de quem espora
Por o que está nas mãos d'outrem.

21

Tristes ancias me acompanham,
Nada me alegra o sentido;
Ninguem sabe o bem que perde
Senão depois de perdido.

22

Amor impossiveis vence,
Amor tudo facilita;
Quem namora a nada attende,
Quem ama a tudo se arrisca.

23

Quem pintou o amor cego
Não o soube bem pintar;
O amor nasce da vista,
Quem não vê não pode amar.

24

O' meu amor cala, cala,
Que o calado vence tudo;
Em certas occasiões
Mais me valera ser mudo.

25

O amor é paixão d'alma
Que rouba a joia mais rica,
Em quanto pretende cala,
Depois de lograr publica.

26

Fui-me deitar a d'armir
Lá á sombra da espadana;
Toda a vida ouvi dizer:
Morra o homem, fique fama.

27

Eu heide morrer a rir,
Que o chorar entristece;
Lamurias não curam chagas,
Quem mais chora mais padece.

28

Ai Jesus! quem compra o ceu,
Que elle bem barato se vende,
Quem n'este mundo faz bem
No outro não se arrepende.

29

Semei a salsa no campo
Logo m'a foram tirar;
Mais vale um bom desengano,
Que prometter e faltar.

30

O meu amor diz que tem
Duas para quem elle olha,
Fazes bem, ó meu amor:
Em quanto ha duas ha escolha.

31

O' coração de baieta,
D'aquella mais denegrida;

Ninguem diga que está bem
Sem que olhe p'r'á sua vida.

32

Ha uma razão que se diz:
Bem pouco acerta quem escolhe;
Toda a vida ouvi dizer:
Quem não semeia não colhe.

43

Coitadinho de quem morro,
Se ao Paraiso não vao;
Quem cá fica logo come,
Logo a paixão se lhe vae.

34

Ninguem diga que está bem
Nem tenha tal presumpção,
Que em a roda desandando
Não ha quem lhe tenha mão.

35

Ninguem se fie em cantigas
De mulher ou qualquer homem,
Anda agora muito em moda
Quem se sisca alhos come.

36

Menina, por ser bonita
Não cuide que mais merece,
Quanto mais linda é a rosa
Mais depressa desvaneco.

37

Uma saudade me mata,
Um suspiro me detem,
Uma esperança me anima:
Sobre o tempo tempo vem.

38

Murmura, murmurador,
Murmura bem á vontade,
No ceu 'stá um julgador,
Que julga toda a maldade.

39

Anda cá meu bem que foste,
Que ainda o podes vir a ser;
Tanto bate a agua na pedra
Té que a faz abrandecer.

40

Agua clara era eu,
Por minhas mãos me turvei;
Ninguem diga n'este mundo:
D'esta agua não boberei.

41

Oliveira pequenina
'Stá coberta d'algodão;
Quem não quer que o mundo falle
Não lhe dê occasião.

42

Não ha nada como a morte
P'r'acabar a presumpção,
Com quatro varas de chita,
E sete palmos do chão.

43

Não ha navalha que corte
A raiz á verde cana;
Da fama ninguem se livra,
Muito tolo é quem não ama.

44

Não ha coisa que mais cheire
Que é a flor da alfazema;
Não ha gosto n'este mundo
Que não venha a dar pena.

45

O que o vento é para o fogo,
E' a ausencia p'r'ó amor,
Se é pequeno apaga-o logo,
Se é grande faze-o maior.

46

Amar e não ter ciumes
Isso não é querer bem;
Quem não zela o que bem ama
Muito pouco amor lhe tem.

47

Quem canta seu mal espanta,
Minha avô me ensinou,
Para allivio de uma pena
Uma cantiga cantou.

48

Já morreu a pomba ao pombo,
Ficou o pombo sosinho,
Toda a vida ouvi dizer:
Uma ave só não faz ninho.

49

Desgraçada, desgraçada,
Desgraçada é a mulher,
Se é bonita tem curiosos,
Se é feia ninguem a quer.

50

Tens a parreira á porta,
Tens a sombra, tens ousio,
Quem tem sombra tem regalo,
Quem tem regalo tem brio.

51

Devo a minha vida á morte,
A alma a Deus, que me criou,
O meu corpo á terra forte,
Ai Jesus, que nada sou!

52

Eu venho detraz da serra
Com o meu gorro á campina;
Quem é mestre tambem erra,
Quem erra tambem se ensina.

53

Menina não ame a tantos;
Ponha o seu amor só n'um,
Pode a roda desandar,
Vir a ficar sem nenhum.

(Continúa)

Antonio Thomaz Pires.